

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

Ângela Correia
CLÉRIGO

Quimera

LISBOA 1989 | e-book 2005

Segue-se outra farsa de folgar que trata como um clérigo da Beira béspera de Natal determinou de ir aos coelhos e indo pera a caça com um filho seu rezam as matinas.

Trata-se outrossi de um vilão que indo vender à corte ãa lebre e uns capões e um cabaz com fruta foi roubado que até o chapeirão lhe furtaram, o qual furto foi descoberto per Cezilia demoninhada em quem deziam que falava um Pedr'Eanes.

Foi representada ao muito poderoso e cristianíssimo rei dom João o terceiro do nome em Portugal em Almeirim.

Era do senhor de 1526.

1562, *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, 232'-238'

béspera de natal é dado do fingimento que pode ou não coincidir com idêntico momento real. No entanto, *de folgar* parece indicar representação sem outro motivo.

Trata-se outrossi: o discurso exterior e de memória diferente dá conta da articulação e da diferença. Em nenhuma outra didascália da *Copilaçam*, encontrei algo de semelhante. Não afasto a hipótese de os dois números do auto terem sido separados por corte de qualquer natureza.

Entra o clérigo com seu filho e diz o filho:

232c

*. Vós haveis de celebrar
missa da festa em pessoa
e nam fazeis a coroa
antes que vamos caçar.
pois pai nam haveis de olhar
que sois clérigo da Beira
porque já a gente cabreira
em tudo quer atentar.*

a festa, assim dita, nunca é identificada. Esta primeira fala do Filho em que o argumento, já conhecido do leitor pela didascália, é apresentado ao espectador, começa a omissão. Se o texto não sofreu arranjo, a festa deve mostrar-se por outro sinal que só pela didascália se tornou legível. O nome comum pode, no entanto, significar por hábito apenas uma festa (talvez a do Natal).

Clérigo *. Ta mãe ma trosquiará
nam cures tu de conselhos
cacemos nós dos coelhos
que isso à noite se fará.*

232d

Filho *. Sabeis pai que esqueceu lá*

a foroa?

Clérigo . *Vai por ela.*
 Filho . *De ùa légoa hei-d'ir trazê-la
 melhor viv'eu que lá vá.*

Clérigo . *Pesar da ida e da vinda
 vai torna pola foroa.*
 Filho . *Vá lá quem tiver coroa
 que eu nam na tenho ainda.* 233a

Clérigo . *Creo que a vara há-d'andar
 se isso vai dessa maneira.*
 Filho . *Eu nam sou vossa oliveira
 que a haveis de varejar.*

Clérigo . *Renego dessas repostas
 vai muito asinha.*
 Filho . *Eu creo
 que cuidais que sou correo
 que vai e vem polas postas.*

Clérigo . *Crê tu se me a mi nam fora
 que ta mãe logo se assanha
 já te eu dera ùa tamanha
 que tu foras logo ess'ora*

*requeiro-te que vás embora
 ante que se assanha o abade.*

Filho . *Ainda eu nam tenho vontade
 lá é ela algures fora.*

A história dos atritos entre Vicente e Sá de Miranda é conhecida e começara antes de Clérigo da Beira (Braamcamp Freire 1919, 1944: 230-232). O primeiro número do auto parece ser-lhe dedicada. A corte reconheceria em Francisco, filho de clérigo, o Dr. Sá de Miranda, que era também ambas as coisas: Francisco e filho de clérigo. Quem faz de Clérigo deve ter coroa (mal feita) como modo de identificação; sobre o Filho não consigo ler nada mas a alusão pode passar também pelo vestuário ou trabalho gestual.

Não se percebe bem que espaço é representado. Se por um lado Francisco se refere a fora por oposição ao sítio onde está (*lá é ela algures fora*), o *chouriço* que pretende furtar e a *regueifa do bautismo* que a mãe *tem tascada* só podem ser de dentro. É portanto para dentro que vai.

Clérigo . *Vai Francisco.*
 Filho . *Si irás
 ide vós nam tendes pés?*
 Clérigo . *Filho de clérigo és*

nunca bo feito farás.

Filho . *Piores são os de frei Mendo
e os do beneficiado
que vão tomar o bocado
que seu pai está comendo.*

Sá de Miranda era filho de Gonçalo Mendes de Sá, beneficiado da Sé de Coimbra.

Clérigo . *Vai que já está no cortiço
senam tomá-la e trazê-la.*
Filho . *Já má hora vou por ela
mas hei-de furtar chouriço.*

Não sei se o auto foi programado contando com a presença de Sá de Miranda entre o público, mas se lá estive e se a alusão é clara, ele terá sido por algum tempo material ou figura (muda?) do auto. O mesmo vale para todas as figuras do público cujo nome se diz.

Vai o moço pola foroa e fica o clérigo antre si dizendo:

*. Medraria este rapaz
na corte mais que ninguém
porque lá nam fazem bem
senam a quem menos faz.
outras manhas tem assaz
cada ùa muito boa
nunca diz bem de pessoa
nem verdade nunca a traz*

*mexerica que por nada
rebolverá sam Francisco
que pera a corte é um visco
que caça toda a manada.*

233b

O auto continua explorando o deslocamento entre espaço fingido e espaço real. Perante a corte, finge-se a sua ausência e fala-se dela.

O animal que o Filho traz – ou finge trazer – servirá ao Clérigo para atrair os coelhos para fora das tocas e vem juntar-se às alfaias de caça, possivelmente à vista desde o princípio. Nas *Ordenações Manuelinas*, quando se proíbe a caça dos coelhos e outros animais com *bois, nem com fios d'arame, nem com outros fios*, fala-se de alguns instrumentos: *com cães, nem com beestas, nem ao piado, nem com foram, nem redes, nem com outra ninhã armadilha.*

Vem o filho com a foroa e diz:

*. Já minha mãe tem tascada
a regueifa do bautismo
andai vós cá pai ao bismo
que ela nam lhe escapa nada*

Clérigo *. Rezemos matinas logo
antes que entremos à caça
que como homem se embaraça
nela nam é senam fogo.*

Filho *. Matinas de cá da Beira
ou como quereis rezar?*

Clérigo *. Si pera que é mudar
cada dia ùa maneira?*

Antone Álvares foi capelão do rei, prebendado na Beira e talvez tesoureiro da capela do infante Luís (Braamcamp Freire; 1919, 1944: 262).

*porque os capelães d'el rei
que cá na Beira tem renda
se rezam lá doutra lei
tem outra lei de fazenda.
mas Deos dê muita prebenda
Antone Alvarez que é rezão
que ele e outros que lá estão
nos leixaram esta lenda.*

Em 1551, no rol dos livros defesos, *Clérigo* é proibido desta forma: *O auto de Pedr'Eanes por causa das matinas*. Se este nome não alude directamente ao número das matinas, causa da proibição, parece-me estranho, em 1562, o nome de *Clérigo da Beira* mais alusivo às matinas proibidas.

As matinas que se rezam não têm orações, nem lições, apenas vários princípios de salmos (1, 8, 18A, 21, 23, 49, 50, 53, 65, 94, 97, 109, 116, 118I, 120, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 147) ditos, em alguns casos várias vezes, ao longo do ano litúrgico durante os ofícios religiosos. Toma-se como material o conhecimento que o público tem da continuação dos mesmos, brinca-se invertendo sentidos apenas evocados. O deslocamento do espaço de proferição, o recorte e colagem dos textos e a mistura de situações são também factores de surpresa e devem ter feito rir. Não consigo restaurar, em alguns casos, o sentido da colagem. Nem todos os salmos são de matinas mas são todos, pelo menos, de tempo adventício e natalício. Os fragmentos de salmos podem ter sido cantados; para isso aponta, a heterometria de alguns versos. Pode ter sido número duplamente misto: latim/português, cantado/não cantado.

Filho . *Nome de Deos começar.*
 Clérigo . *Pater noster.*
 Filho . *Que siso*
na caça pera que é isso
senam domine labia andar.
 Clérigo . *Domine labia mea*
tu priol a pé irás.
 Filho . *Se cansares assentar-te-ás*
pois que nam tens facanea.

Clérigo . *Venite exultemus*
que cões e forão que temos
pera tempo de mester.
 Filho . *Domine dominus noster*
nos dê com que os manter
e coelhos que levemos.
 Clérigo . *Caeli enarrant gloriam Dei*
nam cuide papa nem rei
que está no cume da serra.

Filho . *Domini est terra*
que é senhor de toda grei.
 Clérigo . *Ora te Deum laudamus*
pois que tal menhã levamos
pera provarmos a perra.

233c

Salmo 65: *Jubilate omnis terra / psalmum dicite gloriae nominis eius ...*

Filho . *Jubilate Deo omnis terra*
diz que rezemos e vamos.
 Clérigo . *Assi manda Deus Deus meus*
e nos dá dia par eles.

A nova situação em que os textos recortados são inseridos obriga a pequenas modificações. Salmo 148: *Laudate Dominum de Caelis / laudate eum in excelsis.*

Filho . *Lauda dominum de caelis*
pois os coelhos são seus.

Salmo 97: *Cantate Domino canticum nuovum.*

Clérigo . *Cantate diz que cantemos*
cantar novo e nam usado.

Filho . *Cante o beneficiado
que nós pouco pão colhemos.*

Salmo 116: *Laudate Dominum omnes gentes / collaudate eum omnes populi.*
O arranjo é necessário a bem do metro. Nuno Ribeiro era o pagador das moradias
(Braamcamp Freire 1919, 1944: 262).

Clérigo . *Laudate Deum omnes gentes
laudate Nuno Ribeiro
que nunca paga dinheiro
e sempre arreganha os dentes.*

Salmo 120: *Levabo oculos meos in montes: / unde venit auxilium mihi?*
O arranjo serve o novo sentido que se quer dar ao texto recortado.

Filho . *Levavi oculos meos
vi que os dinheiros alheios
muitos os repartem crus.*

Salmo 123: *Nisi quia Dominus erat in nobis.*

Clérigo . *Nisi quia dominus
nos dará milhores meos.*
Filho . *Qui confidunt in domino
tem esperança dereita.*
Clérigo . *In convertendo boa peita
deste tal nam hajas dó.*

Salmo 127: *Beatus omnis qui timet Dominum.*
Salmo 121: *Laetatus sum in eo quod dixerunt mihi:*

Filho . *Beati omnes que tem
que estes podem dizer bem
letatus sum in iis.*

Salmo 147: *Lauda Ierusalem Dominum.*

Clérigo . *Lauda Ierusalem
a todo homem que tem
vinténs tostões e ceitis.*
Filho . *Saepe expugnaverunt me
diz Lira na sua grosa
que é cousa perigosa
andardes à caça a pé.*

Clérigo . *Se beato immaculato
m'emprestasse o seu mulato
mas nam sei se quererá.*
Filho . *Iam lucis orto si dará
em que leves ti e o fato.*

Salmo 109: *Dixit Dominus Domino meo: / «Sede a dextris meis, / donec ponam
inimicos tuos ...»*

Clérigo . *Dixit Dominus que tinha
ua muito boa asninha
nam sede a dextris meis.*
Filho . *Donec ponam tem seis
e mais ua mulatinha
vede se as havereis.*

233d

Salmo 1: *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum / et in via peccatorum
non stetit ...*

Clérigo . *Beatus vir que tem sendeiro
que lhe aparou Deus Deorum.*
Filho . *Habet consilium impiorum
nam o emprestar sem dinheiro.*

O jogo faz-se também com os sons. Salmo 53: *Deus in nomine tuo salvum me
fac.* O primeiro verso é hipermétrico o que, não sendo estranho no contexto
geral do auto, pode apenas significar que o texto litúrgico foi restaurado
posteriormente.

Clérigo . *Deus in nomine tuo dê graça
salva-me na tua faca.*
Filho . *Com dous arráteis de vaca
escusaríeis a caça.*
Clérigo . *Ir à caça cada dia
aleluia aleluia.*

Filho . *Vamo-nos a bom bispo
pedrada no teu toutiço.*
Clérigo . *Oremus.*
Filho . *Bem faremos.*

Diz aqui:

Clérigo . *Venham-me os cães
as redes e o forão*

*mas o coelheiro não
que vives e reinas
na vila do Pedrogão.*

Filho . *Abém.*

A hipometria e o desenho da rima podem explicar-se por inserção de prosa rítmica pré-existente.

Quando o diálogo recomeça, já o Filho voltou com os animais e objectos pedidos ou outros deles significantes.

Clérigo . *Requiescant in pacem.*
Filho . *Maus pagadores te paguem.*
Clérigo . *Inducas in tentationem.*
Filho . *Responda-te Luís Homem.*

Luís Homem, correio-mor do reino desde 1525 (Braamcamp Freire 1919, 1944: 262-3).

Clérigo . *Exaudi orationes nostras.*
Filho . *Azambujo nessas costas.*

Clérigo . *Pater noster
torna a casa muito prestes
e leva esse briviário.*

Se o objecto que passa de mãos é de facto um breviário, não deve ter sido utilizado como no espaço que lhe é mais próprio. Procurar bocados de texto espalhados por todo o livro não seria funcional. No entanto, os gestos podem tê-lo fingido.

Filho . *Em dia dalgum fadairo
foi quando vós pai nacestes
porém se eu lá bolver
benzei-vos se cá vier.*
Clérigo . *Virás Francisco ora vai
que filho és de bom pai
e ta mãe boa molher*

*dize-lhe que se eu tardar
que tanja a béspora e repique
muito bem por que nam fique
a festa sem repicar.
e há mester que correja
muito bem essa igreja
e as galhetas bem sabe ela*

234a

*que hão já mister barrela
e olhe tudo e proveja*

Tejo deve ser nome de animal existente ou fingido no auto.

*anda Tejo à fragueira
e dirás a ta mãe mais
que me guarde os corporais
que ficam na cantareira.
e o cales achará
no almáreo de cá
atado c'os seus toucados
e os amitos pendurados
onde a minha espada está*

*e a vestimenta achará
dobrada sobre a albarda
que ponha tudo em guarda
como ela sabe já.
e que alimpe bem a pia
nam asse sempre castanhas
e tire as teas d'aranhas
à mártel Santa Luzia*

*e solte a cabra também
que está presa pola estola
e logo nam seja tola
que correja tudo bem.*

Marcos Esteves é um dos capelães do paço (Braamcamp Freire 1919, 1944: 261)
cuja ausência se finge.

*porque se Deos cá aportar
Marcos Esteves da corte
e achar tudo dessa sorte
vê-lo-eis vós espirar
ai ai*

*à ribeira que esse é ele
polos santos evangelhos
já lhe ele pruem os artelhos
e se lhe escarrapiça a pele.*

Cão . *Ão ão.*

Clérigo . *Guard'o cabrão.*

Cão . *Ão ão.*

Clérigo . *Ora cadela.*
Cadela . *Au au.*
Clérigo . *Ei-lo vai pola portela
sem cadela e sem cão.*

Não seria muito fácil fazer um cão ladrar no momento certo e o tempo necessário, o que não invalida a hipótese da presença de animais. Fugindo a mais trabalhos, o Filho terá começado a afastar-se enquanto recebia novas ordens de quem não estava a vê-lo. Quando o Clérigo o mostra saindo, ele pode já não estar à vista, ou estar prestes a sair por uma portela ou outro lugar de função semelhante e nome mais nobre. Se a representação da distância não passa apenas pelo discurso, o espaço deve ser grande.

*oh arrenego da vida
perdoe-me Deos consagrado
algum grande escomungado
me olhou à minha partida.*

E parte; é tempo de passar a novo número. À leitura, a figura do Clérigo parece manter-se à vista e ser encontrada por nova figura que entra. No entanto, a ficção mostra um ponto de fractura que pode fazer supor outra articulação. No número anterior, o Clérigo está pronto a partir para a caça. Tudo o apressa: *antes que entremos à caça / que como homem se embarça / nela nam é senam fogo; já lhe ele pruem os artelhos / e se escarrapiça a pele.* Quando entra Gonçalo, pelo menos no discurso, a ficção da caça não deixa nenhum traço. A ligação entre os números do auto é apenas feita pela didascália que procura apagar vestígios de corte, facilitando outro modo de consumo: a leitura. O espaço referido pelo discurso é também outro (que eu levo neste paço) e é nele que as novas figuras em cena funcionarão. Francisco e Gonçalo são variações para um mesmo actor.

Vem um filho dum lavrador e traz um cesto coberto e ùa lebre e dous capões e chegando ao clérigo diz:

234b

Gonçalo . *Ora Deos vos dê prazer.*
Clérigo . *Que é isso que levas i?*
Gonçalo . *Uns marmelos levo aqui
samicas pera vender.
e esta lebre pera haver
dinheiro dos cortesões
levo este par de capões
e limões pera os comer*

qu'eles dinheiro terão.
Clérigo . *Pois que vás vender à corte*

*olha bem polo virote
nam te fies de rascão.*

Gonçalo . *E rascões que aves são?
samicas são alguns bichos.*

Clérigo . *Mas são lobos pera michos
e raposas de nação.*

Gonçalo . *Bem hei-de saber vender.*

Clérigo . *E eles melhor comprar
se te puderem furtar
as orelhas hás-de ver.*

Gonçalo diz que se desloca e que se afasta do Clérigo. Adiante, a didascália diz que entram Almeida e Duarte num espaço onde Gonçalo não está ou se finge que não está. No entanto, a fala de Duarte: *Eu vejo vir um vilão*, parece dar continuidade ao que das deslocações se pode supor quando Gonçalo diz:

Gonçalo . *Nam me quero mais deter
vou-me e Deos vá comigo.*

Clérigo . *Olha bem por ti amigo.*

Gonçalo . *Bem sei o que hei-de fazer.*

*Entram dous moços de paço muito louçãos um chamam Duarte outro
Almeida o qual começa dizendo ao Duarte:*

Se quem escreveu a didascália viu o auto, *muito louçãos* pode querer falar de vestuário e poses (*e cá pregais à boquinha, sombreiro acutilado*) de observação imediata para os espectadores. A menção quer dizer exagero e o discurso que se segue não funciona isolado. Diz-se da corte em jeito de metáfora, mas não só.

Almeida . *A tormenta da má vida
que eu levo neste paço
sabes que conta lhe faço?
que vou nũa nau perdida
rota pelo espinhaço.*

Duarte . *Bo dizer é esse porém
dai a Deos tal apontar.*

Almeida . *Isso nam será zombar
já me disse nam sei quem
bem do vosso motejar.*

Duarte . *Abasta folguei de ver
sair-vos Túlio do seo*

*muitos criará o centeo
mas poucos de tal saber.*
Almeida . *Logo vos foram dizer
que era eu ratinho senhor.*

Tomar cor é sinal de embaraço que terá no auto correspondente mais gestual que cromático. Veja-se também Gonçalo quando lhe falam de amores.

Duarte . *Nam sei vós tomastes cor
eu nam sei que isso quer ser*

*e vejo-vos mano morto
e tendes ar de mirrado.*
Almeida . *Vós estais mais aguçado
que canivete do Porto
viva o conde do Redondo
que lhe furtais quanto tendes
mas da sua Graça Mendes
vos acho eu todo mondo.*

Duarte . *Logo falais per mondar
como homem daquela terra
já vós veríeis na serra
algum gadozinho andar.
nam digu'eu par'ó guardar
senam ve-lo-íeis pacer
e para vosso prazer
sabereis assuviar.*

Almeida . *Per muitas formas zombais
formas bem as conheceis
olhai nam vos demudeis
primeiro que me entendais.*
Duarte . *Assi como bafejais
ainda me cheirais a nabos.*
Almeida . *Bem parece que a dous cabos
coseis tudo o que falais.*

Outros testemunhos quinhentistas falam desta corte de nobreza mais aparente que real. O espaço representado ganha novas funções.

Duarte . *Eu vejo vir um vilão
hei-o certo d'abraçar
porque se pode acertar
que será algum vosso irmão.*

Gonçalo . *guarda-porcos dá cá a mão.
Nunca os eu guardei per mi
mas já eu a vosso pai vi
morder bem mau cordovão.*

Almeida . *Parece-me que por sua arte
vos sacode ele a badana.
dos michos desta somana
te dou vilão minha parte
olhai cá senhor Duarte.*

Duarte . *Almeida que me quereis?
tantas cousas pareceis
que nam sei de qual me farte*

234d

*porque é certo que eu vos vi
levar já merenda à vinha
e cá pregais à boquinha
coma dom priol daqui.
e propriamente assi
sabeis todo à narizinhos
e onde fordes vezinhos
grande frio fará ali.*

Gonçalo . *Bofá vejo eu portugueses
da corte muito alterados
mais propincos dos arados
que parentes dos Meneses.*

Duarte . *Ó fideputa avisado
e o vilão é castiço
o rapaz papa chouriço
rapaz mouro engragueijado.*

Sombreiro acutilado é traço da caracterização que começa e talvez fique pela cabeça.

Gonçalo . *Vós sombreiro acutilado
cuidareis que sois alguém
pois vos eu conheço bem
falai vós mais conchavado.*

Duarte . *Rapaz és tu namorado?
ora fala sem sabor
rapaz que mudas à cor.*

Gonçalo . *Ora estais bem aviado.*

Almeida . *Vendes a lebre vilão?*

Gonçalo . *Si fidalgo.*
Almeida . *Mostra cá
quanto a dás? que custará?*

De novo há animais no auto: lebre e galos ou representação deles. Transportam-se, passam de mãos, pousam-se, corre-se com eles.

Gonçalo . *Samicas meo tostão.*
Almeida . *E no cesto que tens lá?*
Gonçalo . *Trago aqui estes capões
e bôs marmelos valentes
se deles fordes contentes
e er também trago limões
pera aguçardes os dentes.*

Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto pera mostrar tudo o que traz, fuge Almeida e leva a lebre e Gonçalo achando-a menos diz:

. *E a lebre que foi dela?*
Duarte . *Que sei eu?*
Gonçalo . *U lo parceiro?*
Duarte . *Nam te deu ele o dinheiro?* 235a
Gonçalo . *Pardeos de graça vai ela
lá a leva ele o escudeiro.*
Duarte . *Vai vai correndo asinha
que inda agora vai per i.*
Gonçalo . *Olhai-me vós per'equi
porque ela nam era minha
e é mal perdê-la assi.*

A ficção supõe que Gonçalo já não ouve a fala seguinte. Deve ser este o momento em que Duarte faz o que conta a próxima didascália.

Duarte . *Oh que gostoso vilão
e que boa festa temos
Almeida e eu partiremos
como irmão com irmão.*

Gonçalo, sozinho, faz um percurso circular que pode ser entre o público e que pode incluir no auto, pela interpelação, figuras dele. A ser assim, ter-se-á previsto a presença de uma mulher vestida de amarelo. Mais difícil é perceber as outras previsões ou as diferenças (cómicas) entre o que o discurso diz (*vós do sacco de palha; senhor sapateiro*) e o que se aponta.

Gonçalo . *Ou molher do amarelo*

*vistes cá se vem à mão
um fidalgo terrastão
com ùa lebre no capelo?*

*ou vós do saco de palha
vistes-me cá minha lebre?
ó dou-me a Deos que me leve
nam hei-d'achar ne' migalha.
dizê senhor sapateiro
a minha lebre vai cá?
pera que é buscá-la já
dou já ò demo o escudeiro*

*leve-a por amor de Deos
pola alma de meus finados
porque lhe somos obrigados
eu e todos meus heréos*

*Duarte, tanto que Gonçalo se partiu a buscar a lebre, foi-se e levou o
cesto e os capões.
e diz Gonçalo quando nam acha novas da lebre:*

*peor é que me dá cá
na vontade que os capões
foram c'os outros rascões
caminho da ira má*

*pardeos tal vos é ela a vós
isto é o com que eu renego
fezera mais um galego
na meta de uns matos sós.
ùa escândola com'esta
enche de birra a pessoa
nem tal chufa nam é boa
pera béspera de festa*

235b

*como assi se usa cá
ai eramá que é mal
que quem furta um furto tal
outro melhor furtará.
as almas dos cortesões
são coma nau sem governo
porque cuidam que o inferno
que se come com limões*

*o carmelita nos sermões
bem lhes mostra o paraíso
mas tanto vem eles isso
como eu vejo os meus capões.*

*Indo assi Gonçalo tornando-se pera a sua aldeia torna a achar o
Clérigo o qual lhe diz:*

A didascália conta que o discurso de fúria se faz a andar. A aldeia apenas se mostra à leitura mas, se é dado do auto, outros sinais significaram aquele destino.

O Clérigo, neste segundo número, é ponto fixo: chega-se a ele (*chegando ao Clérigo*), acha-se (*torna a achar o Clérigo*), é deixado (*apartando-se do Clérigo*), nunca entra nem sai, mesmo quando a ficção o permitiria esperar. Deve estar sempre visível entrando ou saindo do espaço de representação, conforme Gonçalo se aproxima ou se afasta dele. Entre o público? É a última vez que fala.

Clérigo . *Já tu Gonçalo vendeste
asinha tu despachaste.*

Gonçalo . *Praza ao mártire Sant' iaste
que nunca lha lebre preste
abaste eu nam fui sesudo.*

Clérigo . *Conta rogo-to Gonçalo.*

Gonçalo . *Mais porei eu em contá-lo
que eles em furtar-me tudo.*

Clérigo . *Estava isso mau de ver.*

Gonçalo . *Sois profetego padrinho
mas se eu torno outro caminho
nam há ela assi de ser.
porém quereis-me dizer
um responso ou ãa aquesta
que m'apare Deos a cesta
e dar-vos-ei do que tiver.*

Clérigo . *Si queres miracula ver
torna lá c'um par de patos
que se os capões vão baratos
estes assi hão-de ser.*

Não é a primeira vez que o texto surpreende pela variedade métrica e não será a última. Dominando a redondilha maior, a medida dos versos é muito

irregular e oscila entre o verso de cinco sílabas e o de arte maior. O verso de pé quebrado e o de duas sílabas soltas também ocorrem.

*calamitas daemones há-de trazer
porém o dinheiro será de mau mês
caedunt mare vincula res
que perdunt quanto vieres vender*

*quero ora ir catar
cousa que me mate a brasa.*
Gonçalo . *Eu nam ouso de ir a casa
meu pai há-me-de coçar.*

235c

Clérigo . *Espera-me a par do lugar
e eu irei lá contigo
e rogar-lhe-ei como amigo
que nam te deixe de dar*

*se topares lá em fundo
um negro põe-te a recado
porque é um perro malvado
o maior ladrão do mundo.
nam olhes no que falar
que é muito falso o cabrão
olha por teu chapeirão
porque ele há-te-d'atentar
se tens tu olhos ou não.*

Segue-se um número musical de que apenas resta resumido apontamento na didascália que introduz o seguinte. A linguagem que o Negro vai utilizar é típica. Talvez também o que canta o seja.

*Indo Gonçalo seu caminho apartando-se do Clérigo topa um Negro grande ladrão.
e entra cantando buscando um mulato e diz Gonçalo depois de cantar o Negro:*

. *Dize negro és da corte?*
Negro . *Qu'esso?*
Gonçalo . *S'és da corte.*

Como acima ficou transcrito, a didascália inicial data o auto de 1526 e localiza-o em Almeirim. No entanto, só em Setembro de 1529, Francisco Tibau, desembargador da Casa do Cível, é nomeado corregedor dos feitos crimes de Lisboa (Braamcamp Freire 1919, 1944: 258). É com esse título que o auto o nomeia.

Negro . *Já a mi forro nam sá catibo
boso conhecê Maracote?
corregedor Tibao é
ele comprai mi primeiro
quando já pagá a rinheiro
deitá a mi fero na pé*

*é masa tredora aquele
aramá que té ro Maracote.*

Fala de negro não é novidade no teatro de Vicente. Paul Teyssier descodificou em 1959 (227-250) o discurso deste e dos outros. A nova figura acabou de se apresentar livre mas antes escravo do corregedor, de quem não gostou. Vai agora interessar-se pelo furto.

Gonçalo . *Mais tredoro era o rascote
quem me a mi furtou a lebre.*
Negro . *Que é qu'esso que te furtai?*
Gonçalo . *Ūa lebre de meu pai
de meu cunhado uns capões
e marmelos e limões
abonda tudo lá vai.*

Pela segunda vez se utiliza, como material do auto, texto litúrgico em latim. É possível reconhecer um *Pater Noster*. Leia-se *pari passu*: *Pater noster, qui es in caelis: sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum: Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra. Panem nostrum quotidianum da nobis hodie: Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in tentationem sed libera nos a malo.*

Negro . *Jesu Jesu Deoso consabrado
aramá tanta ladrão
Jesu Jesu um caralassão
Furunando sá sapantaro
Jesu cralassão Pato Nosso
santo paceto ranho tue figo
valente tue sinco cego
salva tera pão nosso quanto dão
dá noves caro e debrite nose
debrita noses já libro noso galo
amen Jesu Jesu Jesu*

235d

Em algumas zonas da mistura de idiomas, parece emergir um novo sentido mas, tanto quanto consigo perceber, deve ser pontual e não totalmente gramatical.

O espanto (*sapantara*) do negro Fernando (ou *Furunando*, *grande ladrão*), que só Gonçalo não identificou com o descrito pelo Clérigo, e a constante emergência de texto litúrgico devem fazer rir a assistência pelo contraste de atitudes.

sapantara Furunando
dize rogo-te falai
conhecê tu que furtai
porque tu nam bruguntando?
Gonçalo . *Perguntarei por meu pai.*
Negro . *Cal-te Deoso cima sai*
que furtai ere oiai
Deoso nunca vai dormi
sempre abre oio assi
tamanha tu sapantai

O Negro diz que o roubo é uma actividade inútil que aliás não pratica. E justifica-se em longa ladainha de metro irregular. *rirá* (dirá) é verbo declarativo que introduz discurso directo e não será a última vez.

guarda m'ar eso mal
e senhora prito santo
nunca rirá home branco:
Furunando furatá real.
nam sabe mi essa carera
para quê para comê?
mutu comê mutu bevê
turo turo sá canseira

dirá mundo turo canseira
senhor grande canseira
home prove canseira
muiere fermoso canseira
muiere feo canseira
negro cativo canseira
senhoro de negro canseira
vai misa canseira
pregação longo canseira
crérigo nam tem muiere canseira
crérigo tem muiere
grande canseira
firalgo solto canseira
chovere muito canseira
nam podê chovere canseira
muito filho canseira
nunca pariro canseira

*papa na Roma canseira
essa ratinho canseira
nam vamo paraíso grande grande
grande canseira
vira resa mundo turo turo
é canseira*

236a

*mi nam falá zombaria
pos para que furtá
que riabo sempre sá
abre oio turo ria
mi buscá mulato bai
ficar abora ratinho?*

Diz que vai procurar um mulato, Gonçalo vai-lhe dizendo que fica à espera e o Negro já deve ter saído quando são escondidos os objectos enumerados: *chapeirão, cinto, esmoleira*. A *mouteira* esconderijo pode ser objecto pré-existente ao auto e próprio das funções reais do espaço. O Negro deve ser visto pelo público a espreitar.

Gonçalo . *Eu aguardo meu padrinho
que vá comigo a meu pai*

*e vou ao rio perém
porque hei sede e beberei
e sicais que nadarei
enquanto o clérigo vem
leixarei o chapeirão
metido nesta mouteira
e o cinto e esmoleira
porque lá logo o verão
nam me aqueça outra tal feira.*

Pode ser *verão* tempo da representação, *verão* tempo representado, *verão* de uma expressão proverbial ou futuro do verbo ser.

Espreita o Negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o al e tanto que se vai entra dizendo:

*. A mi abre oio e vê
ratinho tira besiro
ere dexe aqui condiró
nam sei onde ele metê.
senhora santo Francico
santa Antónia sam Furunando*

*pois mi há-d'andar buscando
e levarê ele na bico
o seuro santa Maria*

Leia-se de novo pari passu: *Salve, Regina, mater misericordiae, vita, dulcedo et spes nostra salve. Ad te clamamus, exules filii Euae. Ad te suspiramus gementes et flentes in haec lacrimarum valle. Eia ergo, advocata nostra, illos tuos misericordes oculos ad nos converte. Et Jesum benedictum fructum ventris tui, nobis, post hoc exilium, ostende. O clemens, o pia, o dulces Virgo Maria. Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

Mantenho na transcrição desta prosa o desenho da impressão de 1562 por poder conter indícios do modo de proferição.

*sabe à regina matao
misericoroda nutra dumcego sável
até que vamos a oxulo filho de
goa alto sosopeamos jámentes
já frentes vinagre que le quebra-
ram em balde já ergo a quarte
nossa há ilhos tue busca cordas
oculos nosso convento e jeju
com muito fruta ventre tu já
tremes já pias seuro santa
Maria dinheiro me lá darão
que é vê esa carta dá-me mucho
que furte cantará Furunando*

236b

Acabada assi esta Salve Regina acha o Negro o que Gonçalo leixou escondido e diz:

Diz que muito rezara para tão pouco proveito, deseja além do capote, um pelote e um barrete – vestuário de inverno.

*ei-lo aqui sá Deoso graça
graça Deoso esse é capote
nunca dexá aqui palote
ratinho quem te forcasse.
aramá que té ro vilão
que palote saba são
barete também bo era
mi cansai e a deradera
a mior fica sua mão
vejamos bolsa que tem*

*um pente para que bó?
três ceitil sá qui só
ratinho nunca bitém.
o riabo ladarão
corpo re reso consobrado
essa vilão murgurado
sá masa prove que cão*

A bolsa de Gonçalo constitui novo desapontamento e pretexto para falar de bolsas mais recheadas, ou seja, dos responsáveis pelos dinheiros do reino: Fernand' Álvares, tesoureiro mor do rei, Nuno Ribeiro, pagador das moradias, Marcos Esteves, esmoler (Braamcamp Freire 1919, 1944: 245, 261, 262). O Negro põe-nos a falar em discurso directo e dialogando com figuras femininas que ele próprio interpreta. Talvez seja número de imitação.

*quando bolsa mi achase
Fernad' Álvaro esse si
nunca pente sá ali
ah reso quem te furtase
bolsa Nuna Ribeiro
home vai buscá rinheiro
a toro ere rize:
já rinheiro feito é
aramá que té ro gaitero*

*Fernad' Álvaro m'acomenta
ele nunca rize não
logo chama cá crivão:
crivaninhai esormenta
toma rinheiro vás ambora.
voso home de be que busacai?
mi da cureiro agarbá sai.
boso que buscai corte agora?*

236c

*buscai a rei jão João
pagá minha casaramento.
dá cá moso trae esormento
crivaninhai boso crivão
home tomai um dos quatro sete
vás ambora turo turo.
sua rinheiro sa seguro
mioro que ele promete*

Marco Estaves moladeiro

*ele rize: santa Maria
dinheiro boso queria?
bai bai dormir paieiro
boso que pedir muiero?
tanta filho mi tem qui.
quem manda boso pari?
boso grande parideiro*

*boso seria muito bó
vaca ne Francico paia
tenha seis filho e mi só
nam temo comere nimigaia*

*Ele rize:
que culpo tem a rei jão João
boso pari como porco?
bai buscai sua pai torto
que dai a sua fio pão.
Velha que boso querê?
mola que a mi pobre sai*

*Ele rize:
porque boso nam guardai
rinheiro que boso bebê?
Jeju Jeju moladeiro
sá riabo aquela home
quando a mi morê da fome
nunca busucái sua rinheiro*

*porém graça Reos a mi
nunca minga que furtá
pouco cá pouco relá
pouco requi pouco reli
grão e grão galo fartá.
quem furtá home sesuro
e louvar a Reoso com turo
e senhora Prito Santo
a mi bai furtá em tanto
camisa que sá na muro.*

236d

Gonçalo, enquanto se desloca, parece dizer que não é verão nem Janeiro, mas que a água está fria. A ficção não hesita em o pôr a nadar. Quando o furto é descoberto, Gonçalo deve ter parado junto ao esconderijo. Talvez esteja de joelhos e toque o que os demonstrativos apontam de perto.

Vem Gonçalo tremendo com frio e diz:

*. Mui mau nadar faz verão
até meado o Janeiro
mas agora é o ribeiro
que corta homem como cão.
Jesu e o meu chapeirão
e o cinto e esmoleira
pois esta era a mouteira
e este é o mesmo chão*

*agora merecia eu
um par de trochadas boas
porque fiar nas pessoas
nunca outro fruto deu
bem vi eu que o guineu
me viu tudo aqui deixar
mas o seu negro pregar
me levou a mi o meu*

*quem se faz mais verdadeiro
crede que é o mentiroso
e nunca vistes medroso
que nam finja de guerreiro
e o ladrão de piadoso
já todo o mundo é raposo
já nam há i que fiar
a mim mesmo hão-de furtar
se m'eu daqui nam m'acosso.*

Começa o número mais popular no séc. XVI, a julgar pelo nome que lhe é dado no rol dos livros defesos de 1551: *auto de Pedr'Eanes*. O novo número só faz tábua rasa do que aconteceu no primeiro; a tudo o resto faz alusão, talvez tentando solucionar a continuidade.

Roubado assi Gonçalo vem ãa velha sua dona e traz consigo Cecília da Beira em que fala Pedr'Eanes. Entra a velha e diz:

*. Amara do meu fadairo
vi Fernando neto meu
qu'è do que teu pai te deu
que lá contou o vigairo
quão pouco trazes do teu.
e teu pai é tam cruel
e tua mãe tam sandia*

237a

*que trouxe da estrebaria
ũa vara d'azemel
pera te tirar a azia*

*quando vi tamanha aquela
trago esta demoninhada
a Cezília nomeada
fala Pedr'Eanes nela
e descobrirá a cilada*

A Velha, que é também avó mas que nunca assim é chamada, trouxe Cezília e Pedr'Eanes para proteger Gonçalo da fúria dos pais, informados pelo Clérigo. Do Negro sabia a avó porque o vira.

Pedr'Eanes.

Pedr'Eanes . *Aqui estou*
Velha . *E aqui haveis d' estar
e haveis-vos d' assentar
e pois sabeis quem roubou
meu neto fazei-lho achar.*

Anuncia-se nova entrada de figuras já estreadas no auto. Mas o assunto furto durará pouco, Pedr'Eanes é como as sortes que se costumavam tirar ao fim do serão na corte: sabe o passado, o futuro e o presente oculto. As outras figuras ajudarão a provar a eficácia do demónio e ajudarão às respostas, perguntando.

Pedr'Eanes . *Nam há muito de tardar
mas logo aqui virão ter
quem isso lhe foi fazer
e se quiserem pagar
eu bem lho hei-de dizer.*

Gonçalo . *Que é o que me furtaram?
vejamos se adivinhais.*

Pedr'Eanes . *Dous mancebos te enganaram
e os limões que te levaram
venderam por seis reais*

*e ãa moça corcovada
está agora depenando
o capão de tua cunhada
e o outro se está assando
e a lebre pendurada.
ainda por mais sinal
cobriram-na c'um sombreiro
em casa dum alfaiate.*

Gonçalo . *Que besteiro é este tal
este é o dexemo inteiro
em trajos de carafate*

*mais hei hoje de saber
pois m'eu acho aqui à mão
assi Deos te dê prazer
que tu me queiras dizer
s'hei-de casar cedo ou não.*

Gonçalo casará pelo Natal e se este momento do auto desliza para maior compromisso com o presente real da corte, não é tempo de Natal que a corte vive.

Pedr'Eanes . *Casarás polo Natal
com molher sem tua perda
seu corpo como cristal
e achar-lhe-ás um sinal
no meio da coxa esquerda*

237b

*e tem na teta direita
um lûar com três cabelos
pola cinta muito estreita
de ùa nádega contreita
e zambra dos cotovelos.*

Gonçalo . *Nam hei-de casar dessa arte
nem Deos nam há-de querer.*

Pedr'Eanes . *Esta mesma hás tu d'haver
nem cases em outra parte
senam pouco hás-de viver.*

Velha . *Bento e louvado serás
Deos e a virgem da Franqueira
que me tirou de canseira
de casarás nam casarás
sei freira nam sejam freira.*

Pedr'Eanes . *Pois que vós isso dizeis
e nam me preguntais nada
antes de um ano e um mês
vós haveis de ser casada
c'um criado do marquês.*

Velha . *Agora me quero eu rir
sabedes vós isso certo?*

Pedr'Eanes . *Digo que estais tam perto*

*como eu de me partir
pera o meu negro deserto.*
Velha . *Pedr'Eanes nam vos vades
rogo-vo-lo que ainda é cedo
sabedes vós eu hei medo
serem isso vaidades
e essoutro estar-se quedo.*

Vem Duarte e Almeida

Duarte . *Mantenha vos Deos Branc'Anes
Deos vos dê sempre boa hora.*

Velha . *Não faleis em Deos agora
porque está aqui Pedr'Eanes
que chegou agora est'hora.*

Duarte . *A ele buscamos senhora
que o havemos bem mester
e dar-lh'emos d'alma em fora
tudo quanto ele quiser
que o leve muito embora.*

237c

Velha . *Pedr'Eanes a um grou
achará o rasto no ar
pois que me ele foi achar
que velha assi como estou
hei ainda de casar.
creo-lho polo que vejo
porque eu sou muito sadia
e tenho a pele macia
coma costas de cranguejo
ou lagosta da Atouguia*

*e tenho minhas arnelas
ponde-m'ora aqui a mão
mancebo e haj'eu perdão
ainda eu como co' elas
ũa posta de cação
o bafo a Deos louvores
é coma algálea da Arruda
or'eu farei outras cores
porque hei-d'entrar em muda
como fazem os açores
então venham meus amores.*

Duarte . *Pedr'Eanes.*

Pedr'Eanes . *Aqui estou.*
 Duarte . *Estai por amor de mi
 e nam vos vades daqui
 porque minha fé vos dou
 que somos vossos enfim.*

Pedr'Eanes . *Se quereis levar na mão
 isso por que me buscastes
 pagai a este vilão
 a lebre que lhe tomastes
 e três vinténs por capão*
*e um tostão dos marmelos
 e pagai-lhe seus limões.*

Velha . *Parece-me a mi rascões
 que vos tornais amarelos.*

Duarte . *Paguemos-lhe três tostões.*

Almeida . *Duarte tendes vós i
 dinheiro na faldriqueira.*

Duarte . *Eu vendi patos na feira?*

Almeida . *Nem eu tam pouco os vendi
 nem tenho eira nem beira.*

Pedr'Eanes . *Gonçalo sei tu lembrado
 que dixeste que por Deos
 lhe havias por perdoado
 pola alma de teus heréos
 e nam te devem cornado*

*vai pedir o chapeirão
 ao negro do Maracote.*

Gonçalo . *Ora fiaí de rascão
 que farpa todo o pelote
 e nam se farta de pão.*

Almeida . *Já nós somos sabedores
 que é mui'to teu poder
 e queríamos saber
 planetas dalguns senhores
 e sinos de seu nacer*
*e a que são inclinados
 per sua costolação
 e quais são mais namorados
 e assi os que o nam são
 por que são desnamorados
 e também as condições*

237d

*de que planeta lhes vem
declarado por itém.*
Pedr'Eanes . *Dizei embora rascões
qu'eu sei isso muito bem*

*porque per ostrolomia
conheço os seus nacimentos
e pola filosomia
sei tôdolos pensamentos
que trazem na fantasia.*

O conde de Penela, velho fidalgo; Afonso de Albuquerque, filho legitimado e muito rico do herói; o embaixador do imperador; o conde de Marialva, vedor; o velho Vasco de Foes; o Conde do Redondo; Jorge de Melo, monteiro mor do reino; Gaspar Gonçalves, filho de lavrador e alcaide mor da vila de Sintra; e também Brez'Eanes (Braamcamp Freire 1919, 1944: 136-174); se tudo correu como previsto, todos lá estiveram ouvindo falar de si, como em outros autos. Das senhoras não se chega a falar.

Duarte . *Qual é o mor namorado
de Portugal e Castela?*
Pedr'Eanes . *É o conde de Penela
mas anda dissimulado
por amor da sua estrela.*
Almeida . *O senhor embaixador
do César emperador
creo que naceu no céu.
mas se na terra naceu
qual planeta em seu favor
foi a que lhe aconteceu?*

Pedr'Eanes . *Naceu ãa noite clara
quando a lãa aparecia
e Vénus tomava a vara
com que as graças repartia
como em ele se declara.
e estando assi lustrosa
o fez tam sábio e humano
de condição tam graciosa
que nam tem em nada grossa
senam só ser castelhano.*

238a

Conta o auto com que o Conde de Marialva esteja ainda vivo à data da representação. Assim, entre a data da nomeação de Francisco Tibau para corregedor e a data da morte do conde, isto é, entre 12 de Setembro de 1529 e

19 de Fevereiro de 1530, deve o auto ter sido representado. Braamcamp Freire (1919, 1944: 260) aventa duas hipóteses: Natal de 1529 ou 15 de Fevereiro, ao nascimento da infanta Beatriz. *Clérigo* parece-me ter pouco a ver com os outros autos de Natal e a menção do nascimento, tanto quanto a do Natal, seria de esperar na didascália inicial. Por outro lado, o erro tipográfico não é fácil de explicar, tanto mais que a nova datação implica nova localização. Entre Setembro de 1529 e Fevereiro de 1530, a corte não estava em Almeirim mas em Lisboa. O rol de 1551, que proíbe o auto de Pedr'Eanes, pode ter levado à confusão voluntária de dados, tal como à mudança de nome.

- Duarte . *O conde de Marialva
sabes quanto há-de viver?*
- Pedr'Eanes . *Mau é isso de saber
que ele nam é flor de malva
que apodrece sem chover.
com todas suas feridas
e muito enferma canseira
contratou-se de maneira
que Deos lhe deve três vidas
e esta é inda a primeira.*
- Almeida . *Do vedor é necessário
saber a planeta sua.*
- Pedr'Eanes . *Sua planeta é a lûa
o sino é sagitário
com ùa frecha da tabua.
tem fôlego como gato
digo vida perlongada
porém nam coma de pato
senam só ùa talhada
inda que custe barato.*
- Duarte . *Sabes quantos anos há
que Vasco de Foes é nado?*
- Pedr'Eanes . *Quando foi a do Selado
era ele mancebo já
mas nam era tam barbado.*
- Almeida . *O senhor conde meu senhor
do Redondo em que estrela
ou que planeta é aquela
que o fez tam sabedor
pera que adoremos nela?*
- Pedr'Eanes . *Esse conde e outros assi*

- por agora hão-de ficar
d'outrem podeis preguntar
mas eu tornarei aqui
e vós me ouvireis falar.*
- Almeida . *Afonso d'Albuquerque irmão
que foi ao emperador
que signo tem por senhor
e porque a sua condição
nam pudera ser melhor?* 238b
- Pedr'Eanes . *Mercúrio é a sua estrela
e será bem esquençado
se jogar jogo assentado
porém se jogar à pela
nam lhe ficará cruzado.*
- Duarte . *Eu tenho Jorge de Melo
por um padre sam Gião
traz sempre contas na mão
mas nam sei lá no capelo
como vai à devação.*
- Almeida . *Ele reza pola rua
que traz contas todo o dia
ou é por galanteria?*
- Pedr'Eanes . *Mui boa vontade é a sua
mas o cuidado o desvia
reza mais que cinco donas
a Deos se está sem paixão.*
- Duarte . *Que lhe pede na oração?*
- Pedr'Eanes . *Que lhe dê sete atafonas
à porta de Sant'Antão
e que lhe dê tanto gado
como Isac trazia
e uma capitania
com que fosse tam honrado
como ele merecia.*
- Almeida . *Gaspar Gonçalves Pedr'Eanes
em que signo naceria
faze-me esta obra pia
e olha que nam me enganes
porque vai sobre perfia
desejo sabê-lo em cabo.*

Pedr'Eanes . *Naceu no escorpião
afaga-vos co'a razão
mas despeja-vos c'o rabo
no cabo da concrusão.*
Duarte . *E Brez'Eanos guardador
das damas qu'es perro viejo?*

Pedr'Eanes . *Esse Brez'Eanos senhor* 238c
*o seu signo é do cranguejo
porque anda a través do amor
e a través do desejo.
e é tomado da lũa
muito seco dos espiritos
porque há i signos malditos
que nam tem graça nenhũa*

Desta nova acção que Pedr'Eanes promete para o domingo que se segue, se aconteceu, não se identificou notícia.

Como se usa no *Cancioneiro Geral*, o *Fim* é graficamente tratado como figura e diz que se não cante à despedida, como quem pede excepção.

Fim *e ao que quereis saber* 238d
*das damas e amadores
o domingo que vier
eu direi quanto souber
delas e seus servidores.
insinar-vos-ei então
cantigas com que folgueis.
e agora nam canteis
fique por concrusão
que esse dia cantareis.*

Deo gracias.

Referências

- Anselmo Braamcamp Freire
1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*
1944 reedição
Lisboa: Ocidente
- 1521 *Ordenações Manuelinas*
1799 reedição
Ordenações do Senhor Rey D. Manuel
Coimbra: Real Imprensa da Universidade
1984 edição fac-similada de 1799
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Paul Teyssier
1959 *La langue de Gil Vicente*
Paris: Librairie C. Klincksieck
- Gil Vicente
1562 *Compilaçam de todas as obras*
1928 reimpressão fac-similada
Lisboa: Biblioteca Nacional